

Oração de sapiência

de

Jesus Maria Sousa

A Universidade da Madeira
como placa giratória de investigação e ensino superior no mundo

Magnífico Reitor da Universidade da Madeira, Prof. Doutor Pedro Telhado Pereira
Exmo. Sr. Dr. Miguel de Sousa, Vice-Presidente da Assembleia Legislativa da Madeira, em
representação do Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Madeira, Excelência
Exma. Sra. Dra. Ângela Borges, em representação do Senhor Secretário Regional de Educação e
Cultura
Exmo. Sr. Gonçalo Bazenga, Vice-Presidente da Associação Académica da Universidade da
Madeira
Exmos. Senhores Convidados, Entidades Cívicas, Militares e Religiosas
Caros Colegas, Alunos e Funcionários
Minhas Senhoras e meus Senhores

Em primeiro lugar, tenho a agradecer ao Magnífico Reitor o convite que me foi formulado para proferir a Oração de Sapiência na Sessão Solene de Abertura do Ano Académico 2008-2009, estando a Universidade da Madeira a comemorar o seu 20º aniversário e tendo eu assistido ao seu nascimento, enquanto elemento de dentro.

Agradeço-lhe também, e porventura ainda mais, o desafio que me colocou, ao pedir-me que desse testemunho da experiência internacional que temos vindo a acumular, lenta mas progressivamente, no Departamento de Ciências da Educação, procurando, por essa via, projectar no mundo, a própria Universidade: uma Universidade pequena, sediada numa região também pequena, de apenas 244 286 habitantes (cf. dados da Direcção Regional de Estatística, de 2004).

INTRODUÇÃO

A reduzida dimensão das suas ilhas poderia fazer, de facto, parecer temerário o sonho de a Região Autónoma da Madeira ter a sua Universidade. Mas a fundamentação para a sua criação surge, em 1985, com um “Estudo sobre a viabilidade da Universidade da Madeira”, estudo esse realizado por uma comissão constituída por Freitas Ferreira, Lecoq Forjaz e Rui Vieira, criada por um Despacho conjunto, de 1983, da Secretaria de Estado do Ensino Superior e da Secretaria Regional da Educação, então tutelada pelo Dr. Eduardo Brazão de Castro e, um ano depois, reformulada por outro Despacho conjunto, então aí do Ministro da Educação e do Secretário Regional da Educação.

Apostando em áreas estratégicas para o desenvolvimento sustentado da Região, através de cursos, em regime permanente, nas áreas da Informática, Hotelaria e Turismo, de Tradutor-intérprete e de Documentação, Arquivística e Biblioteconomia, e através de investigação nas áreas de Horti-flori-fruticultura, Flora e Fauna, Ciências da terra, Ciências do mar, Energias renováveis e Ciências humanas, o Estudo acentuava, e a meu ver bem, a formação cultural das suas gentes, na continuidade, aliás, de todo um investimento já iniciado através dos pólos de extensão universitária das Faculdades de Letras (1977) e de Ciências (1982) da Universidade de

Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa (1982) e da Universidade do Minho (1984), centrados essencialmente na “formação pedagógica e científica dos educadores para os diversos níveis de ensino, do infantil ao secundário” (p. 71).

A criação de uma Universidade na Madeira visava assim “o desenvolvimento equilibrado da Região...”, descrito como “um desenvolvimento espiritual, cultural e sócio-económico da comunidade”, através de

Um modelo adaptável às necessidades, condicionalismos e virtualidades de regiões com as características da Madeira e, sobretudo, suficientemente ágil e maleável para se inserir no processo de desenvolvimento regional, impulsionando-o do seu interior.

Apesar da defesa de um “modelo regional de universidade” (p. 22) o Estudo não deixou, no entanto, de mencionar a cooperação inter-universitária, apelando mesmo a

Que se [recorresse] ao apoio das universidades mais próximas, dos Açores, do Continente português e das Canárias, bem como a instituições estrangeiras, sobretudo de países com os quais a Madeira [mantinha] laços fortes de amizade ou de boas relações a nível científico, técnico-cultural, social ou meramente comercial.

Mas é interessante notar que essa cooperação, pelo menos a partir da leitura que faço, não tinha dois sentidos. Ela era desejada no sentido de lá para cá, do apoiante ao apoiado, do “mais” para o “menos”, e para “resolver problemas regionais”. Era preciso elevar o nível cultural das suas gentes, ou, como passou a constar como primeiro objectivo nos Estatutos da UMA,

A formação humana, ao mais alto nível, nos seus aspectos cultural, científico, artístico, técnico e profissional.

E é certo que, ao longo destes 20 anos de existência, a razão de ser da Universidade da Madeira tem sido prioritariamente focada na satisfação das necessidades da Região, através da prestação de serviços, como elaboração de pareceres, organização de congressos, conferências e colóquios, desenvolvimento de projectos, profissionalização em serviço, graduações e pós-graduações, mestrados e doutoramentos, tudo isto, e muito mais, para um público essencialmente residente na Região. Desde então, até à data, a Universidade da Madeira habilitou 4297 licenciados, 228 mestres e 73 doutores.

Ora, a questão que se coloca, neste momento, e particularmente nesta Região, é se o seu mercado se encontra ou não saturado, face à formação que se está a lançar, se há ou não capacidade de absorção do know-how que a Universidade prepara, tantas vezes aliás evocado, nomeadamente no que diz respeito à formação de professores do ensino básico e educadores. Mas, e o que dizer da formação dos psicólogos, linguistas, tradutores, jornalistas, gestores, engenheiros, informáticos, físicos, químicos, etc., se assumirmos essa lógica de empregabilidade, concentrada apenas nestas duas ilhas? Como superar e resolver o problema do desemprego qualificado?

MUDANÇA DE CENÁRIO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A estabilidade relativa dos anos oitenta do século XX, década do Estudo atrás mencionado e da criação da Universidade, que nos permitia uma projecção futura, com alguma segurança, com pouca margem de erro, em termos de cursos e áreas de saber a apostar, foi dando lugar, no entanto, a um momento que já se vivencia, de transformações profundas, globalmente falando,

que Boaventura Sousa Santos considera como um momento de transição dos paradigmas sociais e epistemológicos, dada a rapidez e imprevisibilidade com que essas transformações acontecem. Referindo-se a esta transição paradigmática, que a humanidade vive actualmente (e à qual a Madeira não se consegue furtar), este autor considera-a “um período histórico e uma mentalidade”, caracterizando-a da seguinte forma:

“A transição paradigmática é [...] um ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que se repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais e nas inteligibilidades, na vida vivida e na personalidade.”

B. Sousa Santos, 2000: 45

Neste cenário de transição, começa a existir uma consciência crescente da descontinuidade, da não-linearidade, da diferença, da necessidade do diálogo, da existência da polifonia, da incerteza, da dúvida, da insegurança, do acaso, do desvio e da desordem.

Pegando em Edgar Morin, está aí uma nova ordem que contempla igualmente a desordem. É uma nova ordem, onde com muita dificuldade caberá a divisão simplista e dicotómica, diria que cartesiana, arrumada em razão, por um lado, e emoção, por outro; direita, por um lado, e esquerda, por outro; homem, por um lado, e mulher, por outro; negro, por um lado, e branco, por outro. Pelo contrário, estamos a viver o tempo da mestiçagem ético-filosófica, política e ideológica. Poderíamos pensar que isso tinha a ver com as ciências sociais e humanas, que “terão” uma visão muito particular do mundo.

Mas é toda a ciência que é ressignificada, com os contributos oriundos das próprias ciências “duras”: lembremo-nos do princípio da relatividade de Einstein, do princípio da indeterminação de Heisenberg, das teorias probabilistas, da física quântica, de uma nova concepção da física que contempla já as irregularidades, as instabilidades, os desvios, os choques, as desorganizações, as desintegrações, etc.

“A ciência hoje deve ter em conta um universo fragmentado e uma perda de certezas, deve fazer uma reanálise do lugar a conferir ao acaso e à desordem, tal como deverá ter em consideração as evoluções, as mutações, as crises e as mudanças em vez das situações estáveis e permanentes.”

J.-P. Pourtois e H. Desmet, 1988 : 14

Todo este alvoroço epistemológico (porque em última análise estamos a falar do acesso ao conhecimento e do que é o conhecimento) chega naturalmente à Universidade da Madeira, enquanto o tal pólo de criação, transmissão, crítica e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia, ou seja, do conhecimento.

A Madeira já não é mais ilha! Já não é possível isolar-se da dinâmica dos fenómenos, sejam eles quais forem, ainda que esteja rodeada de mar. Ela é igualmente permeável às questões do ambiente, da guerra, da fome, da droga, da crise económica, etc., que, de uma forma mediata ou imediata, assolam o universo.

Iniciada com a era dos descobrimentos, ao aproximar, de uma forma compulsiva e dominadora, mundos e costumes diversos, através da deslocação quer da mão-de-obra africana, quer de colonos europeus para outros continentes, a tendência da globalização, segundo estudiosos destas questões, acentuou-se a partir da queda do muro de Berlim, em 1989, começando por fazer eclodir, quer queiramos, quer não, uma economia de mercado, fundamentada num discurso neo-liberal, que também chegou ao País e, naturalmente, à Região Autónoma da Madeira.

Com o fim da Guerra Fria, derrubaram-se barreiras políticas e económicas, trazendo para o mundo da comunicação global, onde a Madeira se insere, mais de 400 milhões de pessoas da Europa Oriental e ex-Repúblicas Soviéticas, e quase 1,3 bilião de habitantes da China e do Vietname. A China começou a abrir-se comercialmente a partir de 1978, sendo actualmente o segundo país que mais absorve capitais estrangeiros, depois dos Estados Unidos. Os McDonald's, os filmes de Hollywood, e já agora, de Bollywood, a CNN, etc., são exemplos de investimentos feitos nos novos mercados que são cada vez mais transnacionais. E aí estão os BRIC, Brasil, Índia e China, a emergir e a provocar novas necessidades, novos desafios, a que a Madeira não poderá ficar indiferente.

Cada vez mais são as organizações mundiais a serem responsáveis pela determinação de políticas a diversos níveis, como a OMS/WHO, a OMT/ILO, a OMC/WTO, etc. Cada vez mais são os agrupamentos de países ou comunidades com objectivos mais próximos, como o Nordic Council, - abrangendo a Dinamarca, a Finlândia, a Islândia, a Noruega e a Suécia, - a CPLP, - os Países de Língua Portuguesa, - a própria União Europeia e, dentro desta, as Regiões Ultraperiféricas, a reduzirem o espaço para as estratégias nacionais, e ainda muito mais o espaço para as estratégias regionais diferenciadas, conduzindo, pelo contrário, a uma maior homogeneidade nos aspectos regulatórios dos Estados. É o conceito de "global governance" a prevalecer em detrimento do "government".

Estamos, no fundo, a viver a fase tardia da modernidade, ou já a pós-modernidade, que A. Hargreaves (1998) tão bem caracteriza, com base em 4 parâmetros de análise.

1. Ao nível económico, com o declínio do sistema fabril, localizado na fábrica, é já difícil de se identificar o local exacto, isto é, físico, de trabalho. As economias pós-modernas, diz ele, giram preferencialmente à volta da produção de informação e imagens, mais do que de produtos tangíveis... Daí que a rentabilidade dependa muito mais da antecipação do que da reacção às necessidades de mercado, pois estas encontram-se em constante mutação.
2. Ao nível político, e num contexto de uma economia em colapso, a que O'Connor chama de crise fiscal do Estado, começa-se a questionar sobre a legitimidade da sua intervenção na regulação da vida económica, com a determinação das taxas de juros, dos salários mínimos, etc. De facto, com a dramática intensificação das práticas transnacionais, da internacionalização da economia, da migração e das redes de informação e comunicação, o(s) Estado(s) vêm procurando a sua auto-renovação, dando início a um movimento de privatização de áreas que eram dantes indiscutivelmente suas, como as da saúde, segurança social e educação. Neste momento, e em consonância com a imprevisibilidade da mudança, já se assiste, no entanto, a um novo ciclo de estatização, a um regresso (ou pelo menos, desejo de regresso) de um Estado forte e intervencionista.
3. Ao nível organizacional, e como reflexo dos dois parâmetros anteriores, exige-se uma maior e mais célere capacidade de resposta e uma flexibilidade tal que não dependa de pesadas máquinas burocráticas. A especialização de papéis dilui-se, esbatendo-se hierarquias e fronteiras, através de tomadas de decisão descentralizadas, por estruturas cada vez mais horizontais.
4. E finalmente, ao nível pessoal, observa-se que as relações sociais parecem estar cada vez menos confinadas a um tempo e a um espaço determinados, pois os indivíduos agrupam-se antes, a partir de interesses afins, como está a acontecer com as comunidades virtuais, nos grandes centros urbanos. A falta de permanência e de estabilidade na habitação, nos postos de trabalho, etc., veio com isso originar crises nas relações interpessoais, uma vez que nem a tradição nem a obrigação constituem já factores de coesão pessoal.

Esta reflexão prévia sobre a contemporaneidade traz consigo os ingredientes necessários para melhor compreendermos o projecto de afirmação internacional do Departamento de Ciências da Educação, de que sou actualmente responsável, para que ele não surja como um cortejo de vaidades, mas antes, um percurso assumido, fundamentado e consciente, por parte dos seus actores.

PROJECTO DE AFIRMAÇÃO INTERNACIONAL DO DCE

Esse percurso teve início em 1995, quando um de nós, por ter realizado o seu doutoramento em França, iniciou, enquanto um dos membros fundadores, uma Sociedade Europeia de Etnografia da Educação: *Société Européenne d'Ethnographie de l'Éducation*. Criada em Paris, esta associação reunia um conjunto de parceiros, essencialmente de países do Sul da Europa: Portugal, Espanha, França e Itália, tendo tido como presidente honorário, o saudoso Georges Lapassade de Paris VIII (falecido recentemente), referência incontornável na etnografia da educação.

Com o decorrer dos anos, e após encontros em Rennes, e no Sul da Itália, mais concretamente nas cidades de Lecce, Brindisi, Taranto e Massafra, a partir do grande número de associados da Madeira (com relevo não só para a maioria dos docentes do DCE, que aderiram livremente, como também para a SREC e o DCE, como os dois sócios institucionais de maior peso), e face à capacidade de organização que, modéstia à parte, nos caracteriza, conseguiu-se trazer a sede desta associação europeia para a cidade do Funchal. A SEE é uma pessoa colectiva, sem fins lucrativos, registada nas finanças, com existência própria. Esta sociedade científica tem uma revista com referee (blinded review), com a originalidade de estar aberta à publicação de artigos na língua do autor, desde que tenha dois resumos, maiores do que é normalmente exigido, em inglês, francês, português ou espanhol, no respeito pela língua e cultura de cada um, como deve ser, aliás, apanágio de uma "sociedade" que se assume como "etnográfica". No entanto, a língua mais utilizada tem sido o francês. Do seu "Bureau", fazem parte dois elementos do DCE.

Desde então, já se organizou um Colóquio na Madeira (o seu VII Colóquio), em 2006, dando a possibilidade de os educadores Madeirenses interagirem com o próprio Lapassade. E neste momento, a etnografia da educação é uma das linhas de pesquisa do CIE-UMa, ou seja, do nosso Centro de Investigação em Educação.

Em 1998, o Departamento começou a abrir-se também para os países do Norte da Europa. A partir de alguns de nós que já eram membros da Association for Teacher Education in Europe (ATEE), a ligação com esta outra associação começou a acentuar-se, a partir desse ano. Virada para a formação de professores na Europa, esta associação, de língua inglesa, como a língua de comunicação, tem tido alguma influência junto da Comissão Europeia, na determinação de políticas de formação docente, na Europa. A sua sede é em Bruxelas (Rue de la Concorde, nº 60), realizando todos os anos uma Conferência Anual e um outro encontro "Interim meeting", organizado pelo grupo de trabalho a que cada um está ligado, o chamado "Research and Development Centre", geralmente com cerca de 15 a 20 elementos oriundos de países diversos. Assim, alguns membros do DCE puderam participar não só nas Conferências Anuais de Limerick (1998), Leipzig (1999), Barcelona (2000), Estocolmo (2001), Varsóvia (2002), Malta (2003), como também nos "Interim meetings" em Amsterdam, Londres, Antuérpia, e naturalmente no Funchal, como não poderia deixar de ser, em 2004, para além de uma participação num Seminário também organizado pela ATEE, em Klaipeda, na Lituânia, organizado no sentido de apoiar a preparação para a entrada dos novos países do bloco de Leste na União Europeia. O Research and Development Centre onde o DCE trabalha activamente é o sobre "Perspectives on Curriculum for Teacher Education".

A ATEE edita um jornal trimestral ATEENews e a prestigiada revista EJTE (European Journal for Teacher Education), pela Carfax Publishing, Taylor & Francis Ltd.

Três elementos do DCE puderam assim desenvolver um projecto Comenius, que envolveu (as seguintes) Universidades: Windesheim University, da Holanda (como instituição coordenadora), Karel de Grote Hogeschool, da Bélgica, Educatieve Faculteit Amsterdam, da Holanda, Wirtschaftsuniversitaet Wien, da Áustria, Carl von Ossietzky Universitaet Oldenburg, da Alemanha, Uppsala Universitet, da Suécia, Middlesex University London, Dolnoslaski Osrodek Doskonalenia Nauczycieli, da Polónia, e naturalmente a Universidade da Madeira. Tal projecto conduziu à realização de um curso sobre a metodologia do “Scenario Planning”, ou seja, planeamento de cenários futuros em educação, dirigido a professores europeus, e que teve lugar durante uma semana em Viena.

Provavelmente na sequência deste tipo de participação, um dos elementos do nosso DCE foi eleito como membro do “Administrative Board” desta associação, o que veio a proporcionar ao nosso Departamento uma visão mais alargada sobre a formação de professores na Europa.

Esta especialização, ao nível da formação de professores, abriu portas também para um trabalho de avaliação dos próprios cursos de formação inicial docente. E como? Em primeiro lugar, um de nós, a convite do Mary Immaculate College, da Universidade de Limerick, na Irlanda, participou, de 2000 a 2005, em equipas de avaliação do Bachelor in Education, vocacionado para a preparação de professores do infant level (4 a 5 anos), junior level (6 a 10 anos) e senior level (11 e 12 anos), ao longo de seis anos, numa altura em que este país se destacava pelos seus índices de desenvolvimento, em termos educacionais.

E mais recentemente, dois docentes do DCE, a convite do governo da República da Lituânia, nomeadamente, do seu Studiu Kokibès Vertinimo Centras (Lithuanian Centre for Quality Assessment in Higher Education), puderam ter um contacto mais directo com as Universidades de Klaipeda, Siauliai, Pedagógica de Vilnius, e os Politécnicos de Klaipeda e Marjampole, para a avaliação e acreditação dos seus cursos.

No passado ano académico, um desses dois docentes do DCE liderou já a equipa de avaliação externa de todos os cursos de ciências de educação na Lituânia (licenciaturas e mestrados), envolvendo também, para além das anteriormente citadas, Kaunas University of Technology, Lithuanian Agriculture University, Vilnius Gediminas Technical University e Vytautas Magnus University.

Voando agora em direcção ao Pólo Norte, estabeleceu-se, através do Programa Sócrates, um Acordo Bilateral com a Universidade de Tromsø, cidade norueguesa que, de todas, é a que está situada mais a Norte da Europa, acima do Círculo Polar Ártico. Ao longo de dois anos, fez-se um estudo comparativo, de cariz qualitativo, sobre as identidades dos alunos (e o seu processo de construção) das Regiões da Madeira (alunos do 9º ano) e de Finnmark (alunos do 10º ano), no fim da escolaridade obrigatória e suas implicações na formulação do currículo;

Mas tentando alargar ainda um pouco mais a perspectiva europeia de formação de professores, o DCE tentou dar um primeiro passo para fora da Europa, através da sua participação na ISTE - International Society of Teacher Education, nomeadamente com a experiência proporcionada pelo contacto com algumas escolas básicas do Kuwait, em 2001, isto é, no intervalo entre a invasão pelo Iraque e a invasão do Iraque. Já sentindo um apelo a uma intervenção mais internacional, passámos a ser igualmente membros desta outra associação, inscrevendo-nos ao mesmo tempo numa outra Conferência Anual da ISTE, a ter lugar na Universidade Católica de Hong-Kong, em 2003, mas que acabou por sair gorada dado o seu cancelamento por motivos da pneumonia atípica (gripe das aves), que entretanto eclodira no Extremo-Oriente.

Todo este tipo de participação internacional contribuiu para o desenho curricular do nosso Mestrado em Educação, na área da Supervisão Pedagógica e esteve na origem de mais uma linha de pesquisa fundamental do nosso CIE-UMa, a linha do Currículo, e respectivo curso de Doutoramento que iniciou há dias na Madeira.

Tem sido este investimento de dentro para fora que nos colocou já como redactores do capítulo sobre "Portugal" (não é sobre a RAM), em 2007, no compêndio sobre os sistemas educativos da Europa: *The Education Systems of Europe*, publicado pela Springer, que vai já na sua terceira edição.

No entanto, podemos considerar que o verdadeiro salto internacional que o DCE assumiu, foi através da sua experiência no Brasil. No mandato reitoral do Prof. Doutor Rúben Capela, fomos desafiados pelo próprio, e no âmbito de um convénio acordado com uma empresa de gestão educacional, que se encarregava da organização logística, a realizar seminários de acesso ao Mestrado e Doutoramento em Educação. Já detendo a experiência, no que dizia respeito ao Mestrado em Inovação Pedagógica, que teve lugar na Madeira, de trazer professores estrangeiros, provenientes das diversas redes atrás mencionadas (um Francês, um Espanhol e um Austríaco), para a leccionação de algumas das disciplinas ou módulos, era uma questão de nos abirmos então à colaboração com colegas nossos brasileiros, Doutores de Universidades públicas, Estaduais e Federais, que ministrariam 4 das 8 disciplinas que constituem o programa curricular.

Só depois de realizados com sucesso esses 8 Seminários, os alunos viriam à Madeira, apresentar publicamente o seu projecto de investigação e matricular-se. Depois disso, e sob a orientação de colegas nossos Brasileiros, Doutores em Educação, no caso dos Mestrados, e em co-orientação nossa, no caso dos Doutoramentos, desenvolveriam a sua pesquisa conducente à dissertação de Mestrado, ou à tese de Doutoramento em mais 18 meses ou 24 conforme estivessem num ou noutro programa.

Desde 2004, fomos passando pelas cidades de Brasília, São Luís do Maranhão, Salvador, Ibicaraí, Feira de Santana e mais recentemente, Recife e Fortaleza. Temos neste momento, já como alunos nossos, 31 Doutorandos do Brasil. Relativamente a Mestrados, dos 19 já inscritos, para grande felicidade nossa, 10 defenderam a sua dissertação em Setembro e no início deste mês. E a acompanhá-los, vieram os respectivos orientadores. Pode-se imaginar como este trabalho sedimenta relações de cooperação científica e mesmo pessoal, para além de desenvolvermos em profundidade mais outra linha de pesquisa fundamental no nosso CIE-UMa: a linha da inovação pedagógica.

Não posso deixar de mencionar como têm sido enriquecedores, para a consolidação do campo conceptual desta linha, os contributos de temáticas tão diversas, porque relacionadas com a cultura local, como por exemplo: "Inovação pedagógica e representações sociais na escola do Ilê-Aiyê", ou "Arte como política afirmativa dos afro descendentes na escola", ou então "O que a universidade faz com a cultura popular: o caso da inovação pedagógica na capoeira".

E é interessante também reflectir que, só depois deste percurso todo para fora de Portugal, é que chega o reconhecimento nacional, quando o Instituto Politécnico de Santarém, ao invés de desejar pós-graduações vindas de uma distância de 70 km, se pensarmos nas grandes Universidades de Lisboa, prefere a importação de cursos da Universidade da Madeira: os Mestrados em Inovação Pedagógica e Supervisão Pedagógica, com 25 alunos cada um, estando já prevista a abertura de mais duas turmas neste ano lectivo. Ou seja, a Universidade da Madeira terá como inscritos, em 2008-09, 100 Mestrados do Continente Português.

EM JEITO DE CONCLUSÃO...

Em jeito de conclusão, e retomando os princípios atrás enunciados do cenário da transição paradigmática, que estão na base do percurso do DCE, poderemos sistematizá-los, aplicando-os agora em geral, à Universidade da Madeira, da seguinte forma:

A UNIVERSIDADE DA MADEIRA COMO PLACA GIRATÓRIA DE INVESTIGAÇÃO E ENSINO SUPERIOR NO MUNDO

1. A reduzida dimensão da Universidade e desta ilha não constitui desculpa para não se ir mais além, uma vez que os conceitos de espaço e de tempo são já outros, como vimos atrás. Para além das instalações localizadas no Colégio dos Jesuítas e no Campus da Penteada, a UMa não se confina apenas a este espaço físico. Quando se toma o avião com a mesma facilidade com que dantes se apanhava o autocarro, podemos dizer que a Universidade da Madeira está onde estiver um professor ou um aluno seu. E num mundo altamente marcado pelas tecnologias de informação e comunicação, não só os programas das disciplinas, como os textos de apoio, power-points, artigos publicados, tudo está disponível on-line, podendo qualquer pessoa a eles aceder, para fazer download, imprimir ou consultar. É a tal produção de informação e imagens, mais do que de produtos tangíveis, de que falava atrás.
2. Num ambiente de incerteza e de complexidade que caracteriza os tempos que correm, a Universidade da Madeira terá que tomar a iniciativa, não contando apenas com a sua capacidade de resposta ou de reacção às iniciativas tomadas por outrem ou pelos acontecimentos. E essa iniciativa não deverá estar delimitada pelo espaço das universidades mais próximas, dos Açores, do Continente português e das Canárias... Ela terá, em minha opinião, de se projectar mais longe, de ser mais ambiciosa, ser apoiada e apoiante, num vaivém de verdadeira cooperação, nos dois sentidos. Ela pode e deve contribuir para o desenvolvimento regional, tendo em conta necessidades, condicionalismos e virtualidades da Região, isto é, olhando para dentro, como também poderá e deverá contribuir para o desenvolvimento de outras paragens.
3. Até porque, na lógica de empregabilidade que preside à abertura de cursos na Região, cairemos no risco de desaproveitamento da experiência acumulada e do investimento realizado na formação dos nossos próprios recursos humanos (os professores da UMa), ao longo destes 20 anos, se não encontrarmos alternativas. E das duas uma: ou fechamos e abrimos cursos, ao sabor das necessidades em constante mutação, de uma Região pequena como a nossa, sempre sem ganhar a profundidade necessária ao nível da especialização; ou elegemos algumas áreas com uma qualidade tal, passível de entrar em competição num mundo globalizado da sociedade do conhecimento.
4. Há que ir em busca de novos mercados, as tais sociedades emergentes. O Brasil (Norte e Nordeste brasileiro) e as ex-colónias portuguesas em África estão ávidos de formação, com a vantagem de usarmos todos a mesma língua. Há que ultrapassar os pruridos da tradição de torre de marfim que vêm amarrando as universidades públicas portuguesas, ainda pouco confortáveis com a filosofia da economia de mercado, da oferta e da procura, da exportação de cursos, da ligação a empresas de assessoria educacional, etc. É interessante notar que, em Portugal, foram as universidades privadas, as primeiras a procurar por essas novas parcerias.

5. Mas, para isso, é preciso que a Universidade da Madeira tenha em atenção o seguinte: a interação com outros povos, outras tradições e culturas exige, antes de mais, uma atitude de profundo respeito pela diferença e diversidade cultural; exige um despojamento do seu etnocentrismo, neste caso, eurocentrismo, que coloca ainda a razão, o homem, o branco e o macho, acima de tudo o mais; exige uma postura mais humilde face ao saber, uma postura de busca, crítica e auto-crítica, de tentativas de aproximação à “verdade”.

Pois como diz E. Morin,

“De Galileu a Einstein, de Laplace a Hubble, de Newton a Bohr, perdemos o trono da segurança que colocava o nosso espírito no centro do universo: aprendemos que somos apenas outros cidadãos do planeta Terra, nos arredores dum Sol, ele próprio das redondezas, exilado na periferia duma galáxia periférica dum universo mil vezes misterioso que ninguém poderia ter imaginado há um século atrás.”

E. Morin, 1990 : 23

Esmagada por este sentido dramático de relativização do nosso lugar no mundo, desejo mesmo assim, e paradoxalmente, que a Universidade da Madeira vá à conquista desse mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freitas Ferreira, J., Lecoq Forjaz, V. H & Vieira R. (1985). Estudo sobre a Viabilidade da Universidade da Madeira. Funchal: Comissão de Estudo para a Viabilização de uma Universidade na Madeira.


Hargreaves, A. (1998). Os professores em tempos de mudança. O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Alfragide: McGraw-Hill de Portugal.

Morin, E. (1990). Science avec conscience. Paris: Fayard.

Pourtois, J.-P & Desmet, H. (1988). Épistémologie et instrumentation en sciences humaines. Liège e Bruxelas : Pierre Madraga Éditeur.

Sousa Santos, B. (2000). Sousa Santos, B. (2000). A crítica da razão indolente. São Paulo: Cortez.

Sousa, J. M. & Fino, C. N. (2007). Portugal. In W. Hörner & al. (Eds.). The Education Systems of Europe. (pp. 607-625). Dordrecht: Springer.



**A Universidade da Madeira
como
placa giratória de investigação e ensino superior no mundo**

Jesus Maria Sousa

Introdução

Ferreira, J. F., Forjaz, V. H. L. & Vieira, R. (1985).
Estudo sobre a viabilidade da Universidade da Madeira

Ensino de Informática, Hotelaria e Turismo, de Tradutor-intérprete e de Documentação, Arquivística e Biblioteconomia

Investigação de Horti-flori-fruticultura, Flora e Fauna, Ciências da terra, Ciências do mar, Energias renováveis e Ciências humanas

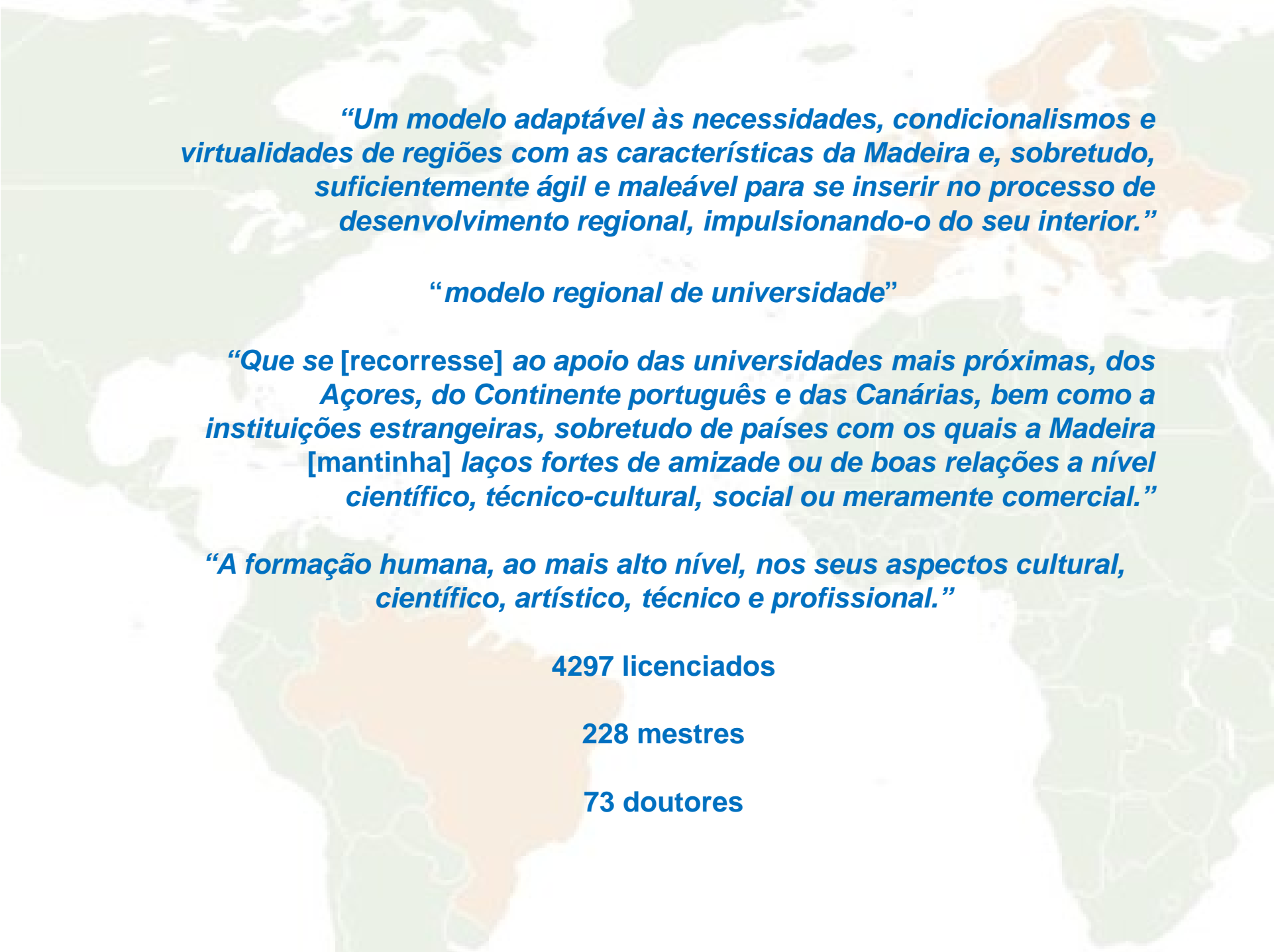
Faculdades de Letras (1977) e de Ciências (1982) da Universidade de Lisboa

Universidade Católica Portuguesa (1982)

Universidade do Minho (1984)

“Formação pedagógica e científica dos educadores para os diversos níveis de ensino, do infantil ao secundário”

“um desenvolvimento espiritual, cultural e sócio-económico da comunidade”



“Um modelo adaptável às necessidades, condicionalismos e virtualidades de regiões com as características da Madeira e, sobretudo, suficientemente ágil e maleável para se inserir no processo de desenvolvimento regional, impulsionando-o do seu interior.”

“modelo regional de universidade”

“Que se [recorresse] ao apoio das universidades mais próximas, dos Açores, do Continente português e das Canárias, bem como a instituições estrangeiras, sobretudo de países com os quais a Madeira [mantinha] laços fortes de amizade ou de boas relações a nível científico, técnico-cultural, social ou meramente comercial.”

“A formação humana, ao mais alto nível, nos seus aspectos cultural, científico, artístico, técnico e profissional.”

4297 licenciados

228 mestres

73 doutores

Mudança de cenário: fundamentação teórica

Momento de transição dos paradigmas sociais e epistemológicos

“A transição paradigmática é [...] um ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que se repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais e nas inteligibilidades, na vida vivida e na personalidade.”

B. Sousa Santos, 2000: 45

Mestiçagem ético-filosófica, política e ideológica

“A ciência hoje deve ter em conta um universo fragmentado e uma perda de certezas, deve fazer uma reanálise do lugar a conferir ao acaso e à desordem, tal como deverá ter em consideração as evoluções, as mutações, as crises e as mudanças em vez das situações estáveis e permanentes.”

J.-P. Pourtois e H. Desmet, 1988 : 14

A Madeira já não é mais ilha!



Mudança de cenário: fundamentação teórica

Tendência da globalização

Queda do muro de Berlim

Economia de mercado

Discurso neo-liberal

Mercados cada vez mais transnacionais

Maior homogeneidade nos aspectos regulatórios dos Estados

“Global governance”

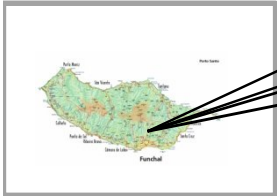
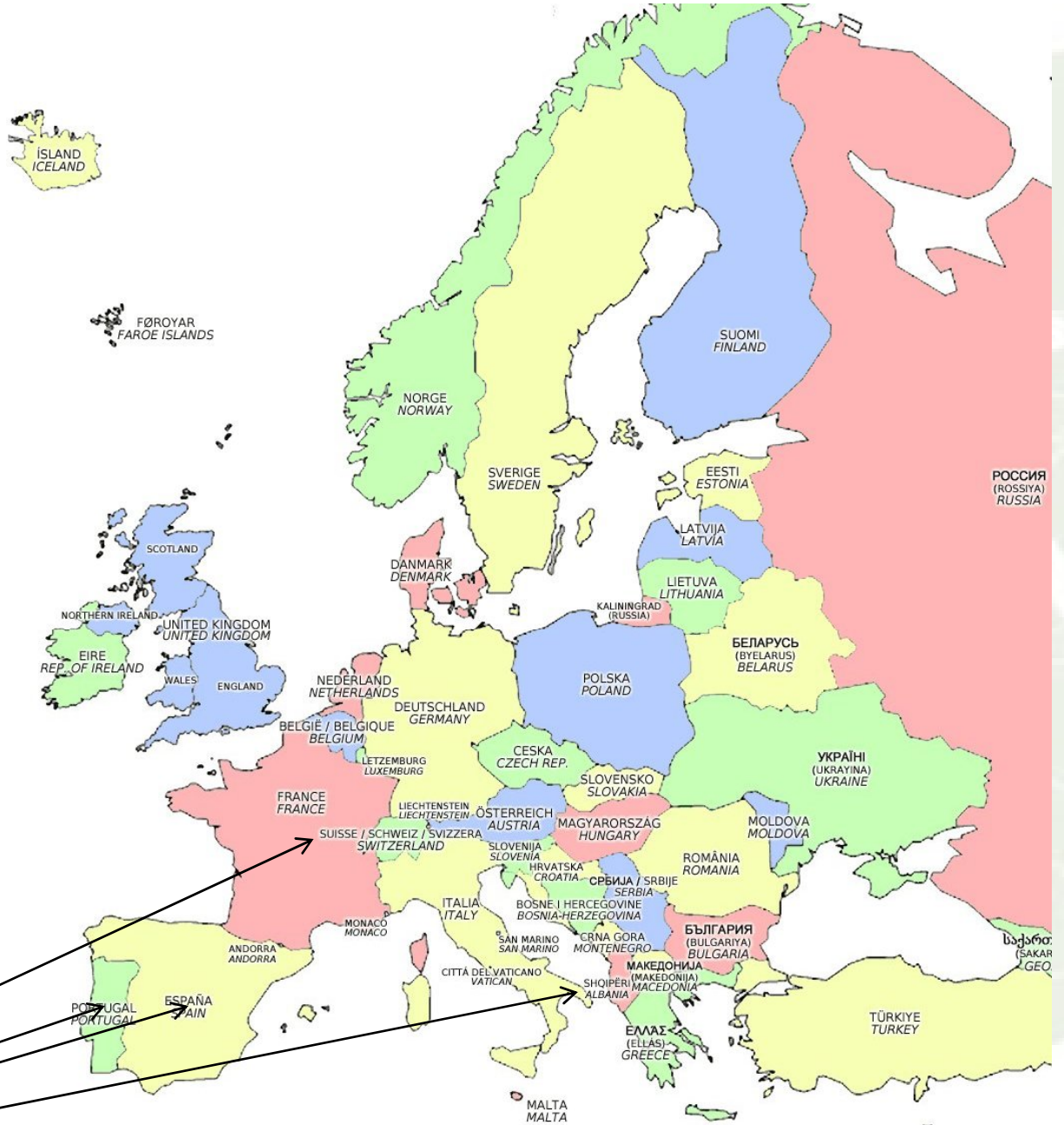
Mudança de cenário: fundamentação teórica

Nível económico	Declínio do sistema fabril Difícil de se identificar o local físico Produção de informação e imagens Antecipação às necessidades de mercado
Nível político	Dúvidas sobre a legitimidade da intervenção do Estado na regulação da vida económica Privatização da saúde, segurança social e educação
Nível organizacional	Flexibilidade Recusa da burocracia Tomadas de decisão descentralizadas por estruturas cada vez mais horizontais
Nível pessoal	Comunidades virtuais Falta de permanência e de estabilidade Crises nas relações interpessoais

Experiência internacional do DCE



Société Européenne d'Ethnographie de l'Education



Windesheim University

Holanda

Karel de Grote Hogeschool

Bélgica

Educatieve Faculteit

Amsterdam

Holanda

Wirtschaftsuniversitaet Wien

Áustria

Carl von Ossietzky

Universitaet Oldenburg

Alemanha

Uppsala Universitet

Suécia

Middlesex University

London

Reino Unido

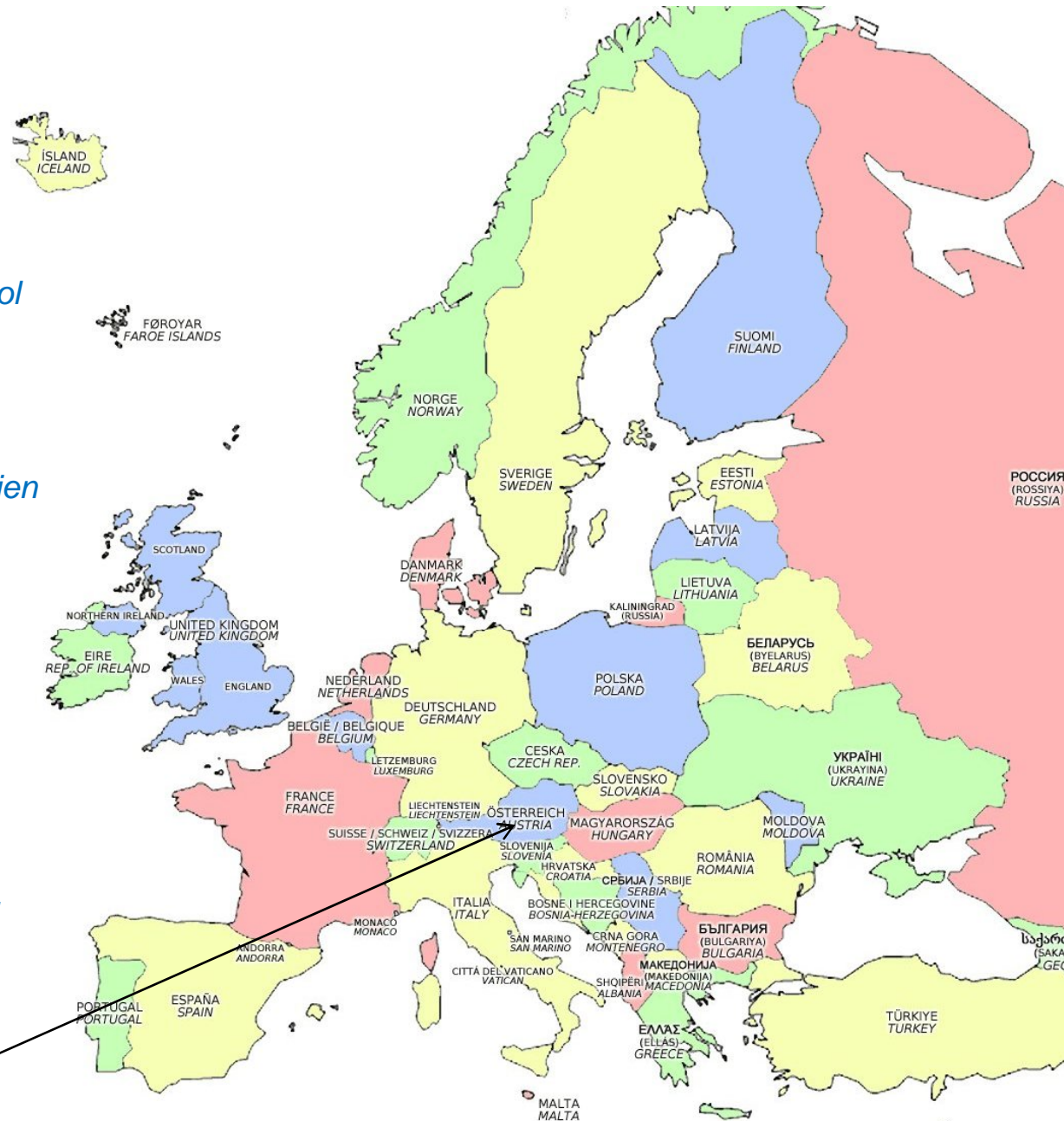
Dolnoslaski Osrodek

Doskonalenia Nauczycieli

Polónia

Universidade da Madeira

Portugal



Avaliação e acreditação de cursos

University of Limerick

Studu Kokibès Vertinimo Centras

Klaipeda University
Siauliai University
Vilnius Pedagogical University
Klaipeda Polytechnics
Marjampole Polytechnics

Kaunas University of Technology
Lithuanian Agriculture University
Vilnius Gediminas Technical University
Vytautas Magnus University

ISLAND
ICELAND

FØROYAR
FAROE ISLANDS

SCOTLAND
NORTHERN IRELAND
EIRE
REP. OF IRELAND
UNITED KINGDOM
UNITED KINGDOM
WALES
ENGLAND

FRANCE
FRANCE
MONACO
MONACO

PORTUGAL
PORTUGAL
ESPAÑA
SPAIN

NEDERLAND
NETHERLANDS
DEUTSCHLAND
GERMANY
BELGIË / BELGIQUE
BELGIUM
LETZEMBURG
LUXEMBOURG
SUISSE / SCHWEIZ / SVIZZERA
SWITZERLAND
LIECHTENSTEIN
LIECHTENSTEIN
ÖSTERREICH
AUSTRIA
SLOVENIJA
SLOVENIA
HRVATSKA
CROATIA
SRBIJA / SRBIJE
SERBIA
BOSNE I HERCEGOVINE
BOSNIA-HERZEGOVINA
CRNA GORA
MONTENEGRO
CITTA DEL VATICANO
VATICAN
SAN MARINO
SAN MARINO

DANMARK
DENMARK
SVERIGE
SWEDEN
ESTONI
ESTONIA
LATVIJA
LATVIA
LIETUVA
LITHUANIA
KALININGRAD
(RUSSIA)

CESKA
CZECH REP.
SLOVENSKO
SLOVAKIA
MAGYARORSZÁG
HUNGARY
ROMÂNIA
ROMANIA
MOLDOVA
MOLDOVA

ITALIA
ITALY
BULGARIA
(BULGARIYA)
BULGARIA
MAKEDONIJA
(MAKEDONIJA)
MACEDONIA
SHQIPËRI
ALBANIA

POLSKA
POLAND

UKRAÏNI
(UKRAYINA)
UKRAINE

ΕΛΛΑΣ
(ELLAS)
GREECE

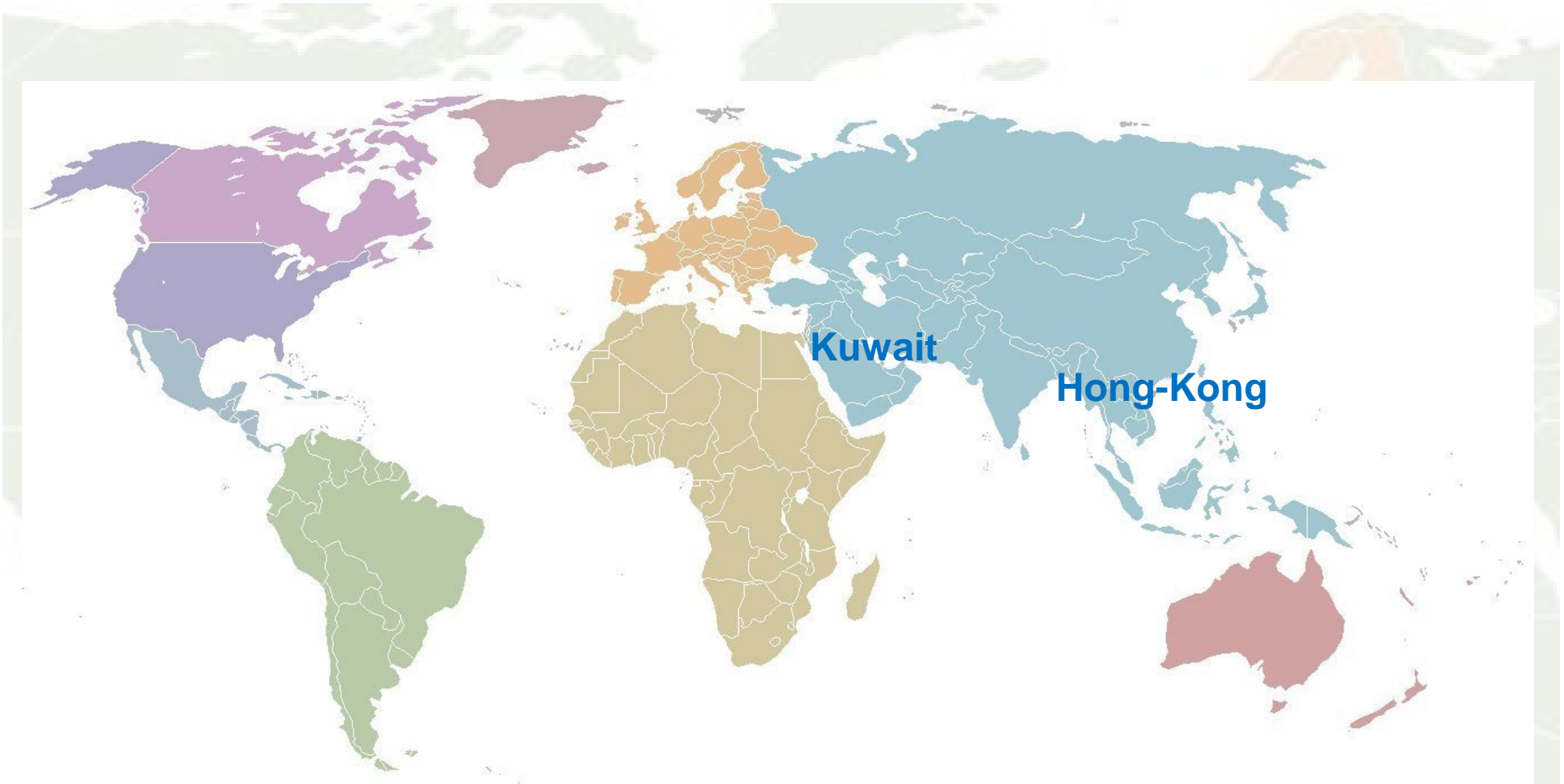
ROSSIA
(ROSSIYA)
RUSSIA

TÜRKIYE
TURKEY



Universidade de Tromsø





**International Society for Teacher
Education**

**Mestrados e Doutoramentos em
Educação**



Em jeito de conclusão...

**A Universidade da Madeira
como
placa giratória de investigação e ensino superior no mundo**



A Universidade da Madeira...

- Está onde estiver um professor ou um aluno seu;
- Tem de tomar a iniciativa;
- Tem de se projectar mais longe e ser mais ambiciosa;
- Tem de ser apoiada e apoiante, num vaivém de verdadeira cooperação;
- Não se pode dar ao luxo de desaproveitamento da experiência acumulada;
- Tem de ter qualidade para entrar em competição num mundo globalizado;
- Tem de ir à busca de novos mercados, as tais sociedades emergentes;
- Tem de ter um profundo respeito pela diferença e diversidade cultural;
- Tem de se despojar do seu eurocentrismo.

Em jeito de conclusão...

“De Galileu a Einstein, de Laplace a Hubble, de Newton a Bohr, perdemos o trono da segurança que colocava o nosso espírito no centro do universo: aprendemos que somos apenas outros cidadãos do planeta Terra, nos arredores dum Sol, ele próprio das redondezas, exilado na periferia duma galáxia periférica dum universo mil vezes misterioso que ninguém poderia ter imaginado há um século atrás.”

Edgar Morin